

Deputados do PMDB

- 3 NOV 1985

CORREIO BRAZILIEN

revelam desencanto

TARCÍSIO HOLANDA

Há expectativa de que o atual Congresso sofrerá um processo de renovação em seus quadros de mais de 50 por cento com as eleições de 15 de novembro de 1986, mas não deixa de ser curioso que alguns deputados de grande conceito e prestígio eleitoral revelem decepções com a atividade política.

O gaúcho João Gilberto (PMDB-RS), considerado um dos parlamentares mais sérios e estudiosos, verdadeira revelação política, causou espanto ao plenário, quando, no dia 29 do mês passado, pronunciou um discurso para anunciar que não pretendia se candidatar à reeleição em 86, ele que tem sólida base eleitoral em Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

João Gilberto pretendia ser candidato se a futura Constituinte fosse exclusiva, não vendo razões para tentar a reeleição, que parece tranqüila à maioria dos seus colegas do PMDB gaúcho. Mas, em seu discurso, há uma pontada de amargura e de decepção quando ele diz que nunca chegou a ser membro titular ou suplente do Diretório Nacional do PMDB.

Político sério, preocupado com os sofrimentos que afligem as maiorias deserdadas da sorte em um país de tão profundos contrastes sociais, João Gilberto está na terceira legislatura e julga que a sua continuação não teria sentido, até porque se impõe uma renovação nos quadros políticos.

O parlamentar gaúcho afirma que, em segundo lugar, é um homem prático, ainda que um idealista, enquanto que a atividade par-

lamentar submete todos a testes duros, o processo é sempre vagaroso e os resultados concretos tardam.

— É uma atividade que sempre deixa uma sensação de vazio, uma falta de algo. Como me julgo um homem essencialmente prático, fica para mim, quase sempre, a sensação de que deixei alguma coisa por fazer — afirma João Gilberto.

João Gilberto não vê a política como uma carreira, que obrigasse o político a concorrer a todas as eleições. Acha que a política é uma opção que o cidadão faz onde estiver e ele está disposto a continuar fazendo política, ainda que dedicado a atividades particulares. Só que não mais se julga obrigado a qualquer compromisso com o PMDB, como libera o partido de qualquer compromisso com ele.

Adverte que eleição constituinte, como a que vamos enfrentar em 86, exige definições e infelizmente não nota preocupação nos partidos para preparar propostas concretas a serem submetidas ao eleitorado. Por exemplo, indaga, qual o partido que defende o parlamentarismo ou o presidencialismo? Até agora, pelo visto, nenhum.

— É preciso saber se os partidos vão fazer propostas básicas ou disputar as eleições constituintes dentro da indefinição atual, já conhecida de todos — afirma. Por exemplo, qual deles se dispõe a explicitar o modelo de propriedade pelo qual deseja lutar na Constituinte? Qual deles está disposto a defender a utilização social da propriedade? Pelo que sei, até agora, só o PFL criou uma comissão para coordenar os pontos principais da proposta do partido.

Se o gaúcho João Gilberto não esconde uma certa ponta de desencanto, o deputado baiano Francisco Pinto (PMDB), um dos fundadores do chamado Grupo Autêntico, aquela corrente de parlamentares que obrigou o MDB a fazer genuína oposição ao regime militar, manifesta abertamente profunda decepção e grande desencanto com a vida pública.

Fascinado pela atividade política, Chico Pinto afirma que dela participam todos os homens — dentro do axioma aristotélico de que o homem é um animal político. Há os que assumem essa condição e os que a negam, há os que a compreendem em toda a sua complexa grandeza e os que a repelem, ignorando que assim mesmo fazem política.

— Quando uma dona-casa reclama do custo de vida, está fazendo críticas à política econômica; quando um taxista critica o alto preço dos combustíveis, ataca, na verdade, a política de energia do Governo. O mesmo acontece quando o pai de família critica aumentos extorsivos nas taxas escolares: ele está criticando a política educacional — afirma o parlamentar baiano.

Assim, todos têm participação política, ainda que não pertençam a qualquer partido. Francisco Pinto afirma que muito do desencanto, entre alguns políticos, nasce da ausência de conteúdo ideológico em nossos partidos políticos, o que faz com que a vida pública seja dominada pelo oportunismo, a deslealdade, a incoerência e até a corrupção.

— Não consigo conviver com pessoas desleais, que mistificam, que enganam, que prometem e não cum-



João Gilberto com vontade de abandonar a política

prem com a maior desfaçatez. Estes são considerados competentes politicamente, passando a obter as maiores vantagens, enquanto os coerentes são relegados a segundo plano, encarados até com desconfiança — afirma.

A política, em sua definição clássica, lembra, é o instrumento para promoção do bem comum, mas o Governo, frequentemente, transforma-se em instrumento de sedução, de deslumbramento, favorecendo a corrupção e o mais deslavado carreirismo. Depois de participar da política desde o início da década de 60, elegendo-se deputado federal desde 70, quando sofreu uma suspensão de direitos políticos, Chico Pinto não mais esconde suas decepções e desencantos.

— Luta-se, sacrifica-se a si e à família, e depois de tudo somos vendidos pelos próprios companheiros, quando chegamos ao poder. Nunca sofri tanto quanto nesses oito meses de Nova República, por causa das deslealdades,

das incoerências e até do desrespeito. O ser humano não tem nenhum valor para os que estão no poder.

Outro político que não esconde suas decepções com a vida pública brasileira é o deputado Elquisson Soares, que abandonou o PMDB ingressando no PDT, por discordar do comportamento de muitos de seus companheiros de partido, na Bahia e em Brasília, não compreendendo como aqueles que lutaram contra “os desmandados, as violências de Antônio Carlos Magalhães, aceitem que este homem continue mandando no País e na Bahia”.

Elquisson, que sempre se situou nos movimentos de vanguarda do PMDB, acha que a vida pública continua impregnada pela corrupção e os corruptos, enquanto não se empreende na Nova República um esforço verdadeiro para combater esses males, transigindo sempre. “O homem público degradou-se de tal forma no Brasil que passei a ter vergonha de dizer que sou político”.